

O uso da categoria de ritual nos estudos de comunicação: uma análise das intersecções entre antropologia e teoria da comunicação

The concept of ritual in communication studies. An analysis of the intersections between anthropology and communication theory

Filipe Reis*

*ISCTE-IUL/CRIA, Portugal

Resumo

O artigo apresenta uma análise dos cruzamentos entre antropologia e teoria da comunicação, detendo-se, em particular, em obras onde a noção de ritual é usada. Entendido simultaneamente como um conceito e uma ferramenta analítica, o ritual está na origem de um vasto e multifacetado campo de estudos dentro da Antropologia e de aplicações fora da disciplina.. Especificamente, serão analisados contributos provenientes da teoria da comunicação que definem como "rituais" ou da ordem do "ritual" os fenómenos de comunicação de massa contemporâneos.

Palavras-chave: teoria do ritual; teoria da comunicação; antropologia dos media

Abstract

The article presents a tracing of the crossings between anthropology and theory of communication lingering, in particular, on texts where this meeting is focused on the concept of Ritual. Understood simultaneously as a concept and an analytical tool Ritual is in the origin of a vast and multifaceted field of studies inside Anthropology and applications outside the discipline. Specifically they will be analyzed contributions proceeding from the theory of the communication that defines as "ritual" or like "ritual" the contemporary mass communication phenomena.

Keywords: ritual theory; communication theory; anthropology of media

Introdução

O ritual – entendido simultaneamente como um conceito e uma ferramenta analítica – está na origem de um vasto e multifacetado campo de estudos dentro da Antropologia, assim como de aplicações fora da disciplina. ¹Não deixa de ser curioso que haja antropólogos que definem os rituais como "fenómenos comunicacionais", e teóricos da comunicação que definem como "rituais" ou da ordem do "ritual" fenómenos de comunicação de massa. Há, de facto, cruzamentos entre ritual e comunicação de massas, pelo menos desde que Hegel elaborou a famosa comparação da leitura do jornal à oração matinal do homem moderno. A presciência de Hegel tem dado frutos, de tal forma que hoje é possível falar de uma

1 Uma primeira versão deste artigo foi apresentada como comunicação ao GT Antropologia da Comunicação coordenado por Isabel Travanças e Sílvia Nogueira na Reunião Equatorial de Antropologia realizada em Natal em Agosto de 2009. A pesquisa que está na base deste artigo foi financiada pela Fundação de Ciência e Tecnologia (FCT).

“perspectiva ritual da comunicação”, ou de um “modo ritual de comunicação” como uma corrente que, dentro dos estudos da comunicação, tem um lastro de produção com cerca de meio século (Liebes e Curran 1998:4).

Este artigo apresenta uma revisão dos cruzamentos entre antropologia e teoria da comunicação detendo-se, em particular, em textos onde esse encontro se produz a partir do de Ritual. Foi no decurso de uma pesquisa sobre radiodifusão local em Portugal (Reis 2006) que me comecei a interessar pelo importante *corpus* de literatura na área dos estudos da comunicação que, de forma mais ou menos elaborada, utiliza essa categoria.² Este artigo não pretende abordar a totalidade da produção dos estudos de comunicação onde a teoria antropológica do ritual é convocada e utilizada; recobre, no entanto, um importante *corpus* de literatura que resulta de leituras realizadas nos últimos 5 a 6 anos, durante e após a realização do trabalho de campo sobre os produtores e os ouvintes do referido programa radiofónico.

O artigo organiza-se da seguinte forma: na secção que se segue procuro dar a perceber como estas categorias têm vindo a ser, na teoria social, ora segregadas, ora equacionadas, gerando noções como “ritual mode of communication” (Carey cit. in Couldry 2005:59), “ritual communication” (Rothenbuhler 1998), “télévision cérémonielle” (Katz e Dayan [1994] 1992), “media rituals” (Couldry 2003;2005), “ritual media” (Lardelier 2005) e “mediatezed rituals” (Cottle 2006, ver também Couldry e Rothenbuhler 2007). Esta profusão de equações entre media e ritual constitui aquilo que designo por modelo ritualista da comunicação, modelo esse que será explicitado nas secções subsequentes; nelas examino algumas das suas principais formulações e críticas, no interior de estudos de comunicação e na antropologia dos media. Na secção final aludo para o facto de que, do ponto de vista de uma etnografia dos media, as articulações entre media e ritual constituem uma via para explorar as modalidades contemporâneas de intersecção entre as duas categorias, a partir das quais derivam acções ritualizadas.

Ritual e Media: estratégias de articulação

Inspiro-me aqui nas observações de carácter epistemológico de Ronald Grimes (2002) acerca da utilização da categoria de ritual nos estudos de comunicação, ao propor a análise de três possibilidades de articulação entre media e ritual: os termos podem ser segregados, podem ser tratados como equivalentes ou podem ser intersectados. Sugiro, nessa linha de raciocínio, uma análise formal e esquemática que examina como cada uma das categorias se podem opor ou combinar (ver figuras 1, 2 e 3 nos anexos). Estou ciente de que este esquemas simplificam a complexidade das articulações possíveis entre os dois

² Durante o trabalho de campo anisei de perto um programa radiofónico interactivo onde os ouvintes e o locutor rezam todas as manhãs “no ar” e organizam festas que têm lugar em Santuários. Este texto não apresenta essa etnografia, no entanto gostava de salientar que foi o facto de estar perante o desafio da interpretação dos dados da minha pesquisa etnográfica entre produtores e ouvintes do programa “Bom Dia Tio João”, (emitido diariamente pela Rádio Bragançana desde 1991) que me motivou para a leitura e atenção aos estudos de comunicação, em busca de pistas interpretativas

conceitos, no entanto julgo constituírem ferramentas úteis com vista à exploração , de forma mais sistemática, das relações entre a teoria da comunicação e a teoria do ritual.

O primeiro diagrama representa a estratégia de segregação: neste caso, media e rituais não se confundem, remetem para domínios distintos e a sua mistura, quando ocorre, é indesejável, seja por razões teóricas, seja por razões pragmáticas. O sermão de um padre ou pastor, no contexto de um serviço religioso, vituperando contra os malefícios espirituais da televisão, é um exemplo do uso da segregação como estratégia retórica. Mas os termos podem também ser segregados por razões teóricas, tal como se verá adiante.

O segundo diagrama representa as estratégias de equação (media = ritual) e de equivalência (media equivale ao ritual). No primeiro caso media e ritual confundem-se, ou fundem-se, uma articulação pouco interessante do ponto de vista teórico. A fusão dos dois termos (por exemplo: assistir à televisão é um ritual quotidiano) comumente esconde problemas de definição em, pelo menos, um dos termos. Muitas dessas formulações, tal como têm sido assinaladas por outros comentadores, (Grimes 2002, Coman 2005), pura e simplesmente não definem o termo ritual: em muitos casos revelam concepções limitadas, *ad-hoc* (Postill 2006), do termo ritual o qual, ao ser usado de forma imprecisa e banal, se esvazia, perdendo a capacidade de designar uma classe específica de fenómenos , um tipo particular de comportamento ou uma forma de acção. Apesar do ponto de vista da teoria do ritual estas formulações serem pouco estimulantes, a sua análise ajuda a perceber os motivos que levam os teóricos dos media a incluir o termo nos seus argumentos. A estratégia de equivalência usa o termo ritual de forma metafórica. Os media não são ritual, antes são como o ritual, ou seja, desempenham funções na vida das sociedades e dos indivíduos equivalentes à dos rituais. Do ponto de vista da teoria do ritual estamos, neste caso, perante concepções de rito e ritual mais sofisticadas e inspiradas nos contributos de Durkheim e de Vitor Turner para uma antropologia do ritual. Se levarmos em linha de conta os 50 anos de elaborações teóricas sobre ritual e media mencionados por Liebes e Curran, poder-se-ia dizer que trabalhos com este nível de sofisticação surgem já perto do fim do milénio, sendo a obra mais emblemática o livro de Eliu Katz e Daniel Dayan sobre os "media events" ou a "télévision cérimoniale" (consoante estejamos a falar da recepção da sua obra em contextos anglófonos ou francófonos). De então para cá, os argumentos de Katz e Dayan têm sido objecto de desenvolvimentos, reavaliações e críticas. Nestes trabalhos discute-se como e até que ponto o papel dos media nas sociedades contemporâneas consiste em providenciar segurança ontológica, desempenhar o papel de mestre-de-cerimónias e mobilizar o sagrado.

O terceiro diagrama representa a estratégia de intersecção. Neste caso, media e ritual surgem mais articulados do que equacionados; isso é possível - e do meu ponto de vista desejável - por duas razões: em primeiro lugar porque se parte de definições estáveis e actualizadas das categorias em jogo, mantendo

entre elas relações de tensão que permitem que cada uma conserve a sua identidade: aqui, trata-se de observar e interpretar o que resulta da sua intersecção. A estratégia da intersecção é particularmente apropriada para o processo de interpretação e condução de pesquisa etnográfica sobre produção e consumo de media, assunto que discutirei na última secção do artigo.

Mantendo a identidade de cada um dos termos

“ (...) Não há muito tempo os termos media e ritual foram considerados como categorias relativas a domínios culturais separados – o sagrado, o profano; o primeiro termo designa uma actividade religiosa, e o segundo indica ferramentas para transmitir informação. Os media não apenas se intrometeram no ritual, como até profanaram muitos ritos. Qualquer tentativa em postular uma conexão significativa entre ritual e media teria parecido forçada uma vez que ambas eram categorias segregadas.” (Grimes 2002:219).³

Começar por pensar, como sugere Grimes, cada uma das categorias como “domínios separados” é, ao contrário do que poderia pensar, um passo necessário para chegar a perceber como e porquê a sua equação produziu os sintagmas acima enunciados (“ritual mode of communication”, “ritual media”, “media rituals”, etc.). Há várias formas de pensar, representar e imaginar media e ritual como domínios separados ou segregados, podendo-se pensar neles como dois conjuntos separados, representados graficamente por dois diagramas de Venn (figura 1), constituindo campos autónomos e delimitados. Tal como se afirma na citação em epígrafe, media e ritual têm sido encarados enquanto designações para domínios culturais diferentes – secular e sagrado – denotando, respectivamente, a actividade religiosa e os instrumentos ou meios para transferir ou transportar informação. Neste caso, as fronteiras entre as categorias estão bem definidas: o ritual como actividade séria, com propósitos transcendentais, religiosos, pré-moderno; os media como entretenimento, com propósitos mundanos, profanos, como uma criação moderna, fruto da evolução da tecnologia nas sociedades industriais.

Esta segregação repete, de resto, algumas das teses da teoria social e da teoria da comunicação até meados do século passado. De acordo com uma versão generalizada da teoria social clássica – proveniente dos estudos de Marx, Durkheim e Weber – a modernidade caracterizar-se-ia por um movimento de secularização, de destradicionalização e de progressiva caminhada em direcção ao debate racional ancorado nos princípios da Ciência, onde os meios de comunicação desempenham um papel fundamental (o conceito de *esfera pública* está, em grande medida, em sintonia com estas ideias) (cf. Thompson 1998).

³ As citações de livros ou artigos em língua estrangeira foram traduzidas pelo autor.

Noutro lugar (Reis 2006: 16-21), mostrei como esta segregação ocorre na Antropologia, nomeadamente nas discussões que abordam os rituais como sendo (ou não) "fenómenos comunicacionais". Poder-se-ia dizer que essa situação é correspondente àquela que me ocupa aqui: em vez de teóricos da comunicação que equacionam media e ritual, estamos perante teóricos do ritual que equacionam comunicação e ritual. Assim, uma definição de comunicação centrada na ideia de "transferência de informação", próxima do que Yves Winkin (1996) designa por "modelo telegráfico da comunicação", segregará, logicamente, comunicação e ritual chegando-se à conclusão, algo paradoxal, de que a eficácia ritual decorre precisamente do facto de os ritos não serem fenómenos comunicacionais, uma vez que neles não se verificam as condições para que "aconteça" comunicação – entendida como um processo intencional que envolve um emissor, usando um medium para comunicar, e um receptor que recebe e descodifica a mensagem (ver AAVV 1994, Reis 2006: 18-20). A maior parte dos teóricos, sejam antropólogos (por exemplo, Leach [1972]1992) ou não, dispostos a equacionar comunicação e ritual, retêm normalmente uma noção do que é a comunicação mais alargada, menos restrita e menos próxima da engenharia e do marketing (ver Finnegan 2002). Várias das tentativas de articulação entre media e ritual podem ser vistas, em parte, como reacções a essa influente forma de conceber a comunicação, numa tentativa de perceber os fenómenos comunicacionais para lá das suas dimensões cognitivas. De facto, o modelo ritualista da comunicação procura, desde as suas origens, introduzir as dimensões simbólicas (a cultura) na análise dos meios de comunicação de massa.

O modelo ritualista da comunicação

"[Media e Ritual] constitui um dos mais interessantes temas desenvolvidos nos últimos cinquenta anos, e foi intensamente enunciado e desenvolvido por Dayan e Katz em *Media Events...* (...) Os acontecimentos mediáticos são comunicação monopolista reproduzida acriticamente, que funcionam como ritos colectivos de comunhão." (Liebes e Curran 1998:4)

Entendo por modelo ritualista da comunicação uma corrente (não necessariamente dominante nos estudos de comunicação) que, em primeiro lugar, partilha aquilo que Yves Winkin designa por perspectiva orquestral da comunicação. Numa tradição que remonta a Goffman, Birthwistle e Bateson, entre outros, a comunicação é uma actividade social onde "cada acto de transmissão de uma mensagem é integrado numa matriz bastante mais vasta, comparável na sua extensão à *cultura* (Winkin 1996:83, sublinhado no original). Uma formulação desta posição pode encontrar-se na seguinte passagem de um livro colectivo dedicado à memória de Elyse Katz:

"Os acontecimentos mediáticos não podem ser entendidos a partir de uma base cognitivista, mas exigem uma perspectiva cultural. Tal como Dayan e Katz referem (seguindo Turner 1977), os

acontecimentos mediáticos produzem uma mudança do modo “indicativo” para o modo condicional da cultura; isto é, da realidade tal como é para a realidade tal como deveria ser...” (Alexander e Jacobs 1988: 28)

Em segundo lugar, o modelo ritualista, assenta numa concepção pós-racionalista e pós-cognitivista dos fenómenos de comunicação de massa. Pós-racionalista porque não olha para os media exclusivamente como agentes ao serviço de uma progressiva racionalização da vida social e de secularização das práticas quotidianas. Isto traduz-se, por exemplo, na rejeição da ideia de que há uma clara demarcação entre a esfera religiosa/ritual e secular. Este pós-racionalismo procura até certo ponto contrariar o diagnóstico sombrio e habermasiano da mercantilização, destruição e risco de extinção da esfera pública e do debate racional, da qual os media são, na tradição que remonta a John Stuart Mill, os guardiães.

No seguimento da minha exposição, procurarei mostrar quais as origens deste modelo ritualista e analisar algumas das suas principais formulações actuais. Nas suas primeiras versões, como se verá, esta perspectiva parte de uma aceção banal de ritual, de senso comum, usado como sinónimo de rotina quotidiana. Uma das versões mais elaboradas desta vaga de estudos de comunicação pode ser encontrada no livro de Elhiu Katz e Daniel Dayan intitulado *Media Events*. Os autores inspiram-se na acumulação de reflexão teórica sobre o ritual, que vai dos escritos de Durkheim às contribuições de Victor Turner, de forma a desenvolver uma antropologia dos “cerimoniais televisivos”. Tais eventos mediatizados (as visitas papais, os jogos olímpicos, as finais desportivas, ou os casamentos e funerais reais), ao serem televisionados por milhões de espectadores em simultâneo, tornam-se *fenómenos sociais totais* (Mauss 1986, *passim*), susceptíveis de revelar a essência das sociedades contemporâneas e de *contribuir para o reforço do sentido de pertença a um colectivo* (Durkheim 1989). Entretanto, este argumento foi objecto de revisão (veja-se Liebes e Curran 1998; Mesquita 2000; Grimes 2002) e criticado devido às suas premissas funcionalistas. Trabalhos mais recentes, como por exemplo os de Nick Couldry (2003; 2005) reclamam-se pós-durkheimianos e pós-funcionalistas, defendendo a necessidade de enfatizar as questões do poder, especialmente tendo em conta a alta concentração de poder simbólico representada pelas instituições a que chamamos media. A apropriação do conceito de ritual nos estudos da comunicação só recentemente despertou a atenção dos antropólogos interessados na relação entre comunicação e media.

Se o ritual é um tipo particular de acção, em que situações de uso e consumo dos media ou de participação em eventos mediáticos, pode esta categoria tornar-se uma ferramenta pertinente para a etnografia da comunicação no quadro da emergente antropologia dos media? No final do artigo ensaiarei uma resposta a esta questão.

Origens do modelo ritualista sobre a comunicação de massas

A intersecção entre meios de comunicação, religião e ritual é, provavelmente, muito antiga, mas as mudanças e transformações sociais, culturais e tecnológicas das últimas três décadas têm tornado mais complexas, diversas e problemáticas as formas que essa intersecção pode assumir. Em *Imagined Communities* Benedict Anderson ([1983]1991) evoca, a dado passo, uma observação de Hegel a propósito da natureza cerimonial da leitura do jornal. Os jornais, dizia Hegel, "são para o homem moderno os substitutos das orações matinais". A este respeito, Anderson comenta o seguinte:

"A cerimónia realiza-se numa intimidade silenciosa, no interior do cérebro. Mas cada comunicante está consciente de que a cerimónia está sendo repetida simultaneamente por milhares (ou milhões) de outras pessoas em cuja existência confia, ainda que não tenha a menor noção da sua identidade" (Anderson 1991:60-61)

Sem o saber, Hegel estava a fornecer aos teóricos da comunicação uma perspectiva para especular sobre o papel e os efeitos dos meios de comunicação nas formas de organização social e política nas sociedades contemporâneas. Depois de Hegel, e antes e depois de Anderson, vários autores têm vindo a argumentar que os meios de comunicação de massas são, nas sociedades contemporâneas, os guardiães de uma nova e secular ritualização da vida quotidiana. James Carey, retomando a mesma passagem de Anderson inspirada em Hegel, comenta-a nos seguintes termos:

"As nações não vivem apenas num tempo histórico mas também num tempo mediático. A extraordinária confiança na "comunidade do anonimato" de que fala Anderson refere-se aos hábitos comuns e diários através dos quais o mundo é confirmado na comunicação. Ele [Anderson] chama a atenção para a passagem onde Hegel afirma que os jornais são para o homem moderno os substitutos das orações matinais, insinuando que a linha divisória entre o moderno e o pré-moderno começou a desenhar-se quando as pessoas passaram a iniciar o dia prestando atenção ao Estado e à Nação, ao invés de ao seu Deus. Ele assinala o momento em que o tempo mediático, por oposição ao tempo litúrgico, começou a fornecer a arquitectura temporal do quotidiano; quando os ritmos dos media substituíram os ritmos da igreja e da sinagoga..." (Carey 1998: 44)).

Argumentos semelhantes acerca do papel dos media e sobretudo de certos acontecimentos mediáticos têm sido produzidos e reproduzidos por outros autores. Carey, inspirando-se em Anderson, que por sua vez se inspirou em Hegel e em Walter Benjamin, argumenta que os media vieram substituir o papel central que a Religião e o Ritual ocupavam nas sociedades pré-modernas.

Note-se que o argumento original de Anderson afirma que o "capitalismo-impresso" é uma condição necessária, ainda que não suficiente, para o surgimento da "consciência nacional" nos séculos XIX e XX, tanto na Europa como nos territórios colonizados pelas monarquias europeias. Embora o estudo de Anderson sobre o nacionalismo seja muito sugestivo – seja, desde logo, porque o autor começa por considerar que o "nacionalismo" é um fenómeno histórico e social da mesma ordem do Parentesco ou da Religião, seja ainda porque concede uma atenção muito particular aos meios de comunicação; o seu argumento, como salienta Thompson, deixa de fora questões centrais para os estudos de comunicação:

"[Benedict Anderson] não analisa a forma como esses produtos mediáticos (jornais e livros) foram usados pelos indivíduos e as mudanças nas formas de acção e interacção tornadas possíveis pelos novos meios de comunicação e as formas através das quais o seu desenvolvimento alterou gradualmente a natureza da tradição e as relações dos indivíduos com ela" (Thompson 1998:93).

Se Anderson deixa de fora estas questões, o mesmo não sucede com vários teóricos da comunicação. Numa antecipação da famosa tese de Dayan e Katz sobre eventos mediáticos e a televisão cerimonial, o sociólogo da comunicação Paddy Scannel já tinha chamado a atenção para o facto de certos acontecimentos mediáticos "chegarem a converter-se em (...) tradições, ritos, parte da vida nacional" (1988, cit. in Morley 1996). No seu trabalho sobre a história das emissões da BBC, o autor considera que a radiodifusão contribuiu largamente para a "crescente ritualização da nacionalidade". Considera também que no processo de modernização "o rito e a tradição se despojam da intimidade que os unia à religião, ao passo que, de modo veloz e prolífico, se inventam novas tradições seculares" (Scannel 1988 cit in Morley 1996:46). Estes eventos unem estreitamente a esfera pública com a privada e, dada a sua periodicidade, marcam o calendário anual de festividades, ritos e celebrações (note-se como aqui se salienta a importância que os media têm na estruturação do tempo nas sociedades contemporâneas; ver Morley 1996:379). Na sua argumentação, Silvertone refere, tal como Morley, o trabalho de Paddy Scannel sobre a história das emissões da BBC.

Mihai Coman, numa revisão mais recente da literatura sobre media e ritual, refere que o primeiro autor a abordar a relação da imprensa com as grandes cerimónias públicas foi Philip Elliott num estudo de 1982 intitulado "Media Performances as Political Rituals". Nesse trabalho, Elliott define "media rituals" como "as situações em que a sociedade se encontra ameaçada, ultrapassa uma ameaça ou pura e simplesmente celebra a autoridade existente" (Coman 2003:17). Isto significa que em situações deste género (como finais desportivas, catástrofes ou celebrações nacionais) "a cobertura mediática privilegia 'os elementos simbólicos da actividade dos media'" (idem). Esta irrupção do simbólico e do irracional na comunicação – captada pela expressão "media rituals" – é, no entanto, vista como peculiar e associada ao jornalismo popular, não sendo necessariamente desejável. Na verdade Elliot, mais uma vez citado por Coman, afirma

que esta situação “*contrasta com o paradigma dominante*, que trata a questão da imprensa em termos *racionalistas*, encarando-a como um *meio de informação* (idem, itálicos meus). Estamos perante uma utilização da categoria de ritual que salienta as dimensões simbólicas de certos processos de comunicação (Coman designa-a por “*approche symbolique*”/“*perspectiva simbólica*”) identificando-as com práticas menores do jornalismo, que seriam acidentais e que ocorreriam apenas em determinados momentos históricos. Trata-se de uma perspectiva de inspiração nas teses da indústria cultural da Escola de Frankfurt, segundo Coman, distante da de Katz e Dayan, como veremos adiante. Na secção seguinte, examino outra das aplicações do conceito de ritual no contexto dos media studies: de uma macro-sociologia dos acontecimentos mediáticos movo-me agora para as teses sobre o consumo e a recepção dos produtos mediáticos onde, como se verá, se encontram algumas das formulações menos elaboradas do conceito de ritual aplicado à comunicação. No entanto, como explicito na secção seguinte, onde o termo rito e ritual surge como tentativa de explicitar ou descrever as dimensões não cognitivas-rationais das práticas de recepção dos leitores ou espectadores.

O ritual como rotina, ou a versão banal do modelo ritualista

A versão banal do modelo ritualista emprega o termo ritual e rito como sinónimo de hábito ou rotina. Talvez isto resulte, como alguns autores têm salientado, da diminuição da importância do ritual nas sociedades contemporâneas, conduzindo à perda de carga semântica da palavra. Por outro lado, também se sabe que, no quadro da psiquiatria, certas acções repetitivas e compulsivas – características de formas de desordem mental e psicológica – são designadas por ritual. Seja como for, a verdade é que se encontra com alguma frequência o termo assim cunhado em textos de teóricos da comunicação. Nesta secção darei alguns exemplos desse uso, tendo o cuidado de dar a perceber como essas formulações, no quadro da teoria da comunicação, constituem uma forma de propor explicações para os fenómenos comunicacionais que se afastam do modelo dominante (hipodérmico), dominante no campo de estudos sobre a comunicação desde os anos cinquenta. Parece que, subtitamente, a teoria da comunicação descobriu o termo ritual como um “*mot valise*” (Coman 2003) para discorrer sobre as dimensões simbólicas, irracionais, não intencionais, dos fenómenos da comunicação.

Repare-se no seguinte excerto citado por David Morley em *Television Audiences and Cultural Studies* e retirado das conclusões de um estudo intitulado “*Policy for news transmission*” levado a cabo em princípios dos anos 70 por um investigador finlandês e publicado sob a direcção de Don McQuail em 1972:

“ (...) para a maior parte dos finlandeses, *acompanhar as notícias é um mero ritual, uma forma de dividir o ritmo do dia e uma manifestação de alienação* (...) muitas pessoas ouvem as notícias

porque dessa forma conseguem estabelecer um ponto de contacto com o mundo exterior (...) ainda que o próprio conteúdo das notícias lhes seja indiferente (...). [Por isso] *os noticiários não cumprem a função de transmitir informação*; na realidade servem outro propósito através do qual *o facto de seguir a emissão chega a converter-se num ritual, num costume que garante alguma segurança*" (Morley 1996:367, sublinhados meus)

As observações de Nordstrang parecem repetir a célebre expressão de McLhuan "o meio é a mensagem": a presença doméstica do televisor ligado à hora do telejornal torna-se, do ponto de vista fenomenológico, mais relevante do que o conteúdo das notícias que pode mesmo, como afirma Nordstrand, ser desprezado pelos telespectadores alienados: o meio torna-se, então, mensagem. Por outro lado, a questão levantada por Nordstrang também parece antecipar a ideia da "audiência activa" que se tornou comum em muitos estudos de comunicação nos anos 80. Todavia, a descrição do visionamento do telejornal em família como "*mero ritual*" deixa algumas perplexidades e interrogações (em particular a utilização do termo "mero"). Na base da argumentação de Nordstrand está a ideia segundo a qual as pessoas podem ignorar ou desprezar o conteúdo das notícias; neste sentido, o visionamento do telejornal precisa de ser explicado e analisado através do recurso a outras variáveis que não apenas a quantidade de informação retida pelos telespectadores. O interesse do estudo de Nordstrang reside no facto de chamar a atenção para a possibilidade de os telespectadores poderem pura e simplesmente desprezar o conteúdo das mensagens difundidas pelos *media* – no caso, as notícias apresentadas diariamente nos telejornais. Esta posição, como já referi, constitui uma reacção ao "modelo hipodérmico" – dominante nos estudos sobre comunicação a partir dos anos 50 – cujo pressuposto era o de que os meios de comunicação exerciam um efeito directo na audiência. É significativo que o autor empregue o termo ritual como estratégia para chamar a atenção para as dimensões não explicitadas, não verbalizadas, dos processos de comunicação. O argumento é: assistir ao telejornal é mais do que receber informação ou descodificá-la; assistir ao telejornal é também um hábito quotidiano. Embora seja importante reconhecer e salientar a natureza contextual ou situacional de toda a actividade de recepção e consumo dos *media* e, nessa medida, considerar que é no momento da apropriação dos seus conteúdos que as mensagens ganham significado e sentido para os ouvintes/telespectadores – em suma o modelo da audiência activa, heterogénea e dispersa que Hall, Fiske, Morley, Silverstone entre outros têm vindo a propôr – parece discutível o sentido vago que Nordstrang atribui à noção de ritual. Em primeiro lugar porque Nordstrang parece estar a referir-se às rotinas da vida quotidiana, doméstica, não parecendo estabelecer qualquer diferença entre a noção de rotina e ritual; para o autor estas noções parecem poder-se aplicar indistintamente.

Esta miscelânea entre ritual e consumo dos media conhece outras formulações, algumas mais sofisticadas, noutros autores. ⁴ O pináculo desta amálgama é a aplicação do termo ritual à própria organização do fluxo televisivo e da programação, tal como surge na passagem que se segue:

“O nosso costume de ver o noticiário à noite é um rito, tanto pelo seu carácter repetitivo mecânico como (...), e isto é mais importante, porque nos apresenta o familiar e o estranho, o que nos tranquiliza e o que nos ameaça. Na Grã-Bretanha, nenhum serviço noticioso não começa sem uma sequência de títulos transcendente (...) ou termina sem um paliativo: uma “nota de interesse humano” que devolva os telespectadores, docemente, ao seu quotidiano. De facto, a cena final é quase sempre um plano dos leitores das notícias arrumando os seus papéis sobre a secretária e pondo-se a falar entre si em voz baixa, anunciando assim o retorno à normalidade.” (Silverstone 1988 cit. in: Morley 1996:391, tradução minha)

Comentando formulações semelhantes, Coman assinala que muitos autores “consideram que a dimensão cerimonial do consumo de certos programas se deve sobretudo à estrutura formal dos fluxos mediáticos: a difusão regular, nos mesmos dias da semana e no mesmo horário, de produtos e mensagens idênticas” (2003: 39). Como adiante se verá esta leitura sobre o consumo quotidiano dos media entra em choque com as teses sobre os media events (ou televisão cerimonial) onde o que é destacado é o carácter extraordinário ou excepcional dessas emissões, passíveis de interromper as rotinas do quotidiano. Na versão banal do modelo ritualista, pelo contrário, o termo ritual perde todo o seu sentido e carga semântica transformando-se numa mera “palavra contentor” : lavar os dentes também é um acto repetitivo e mecânico, mas será um rito? A pergunta não é retórica, veja-se isto:

“...a leitura de notícias sobre a delinquência tem a mesma finalidade que o duche matinal, fazer a barba ou os exercícios físicos de rotina: oferece uma experiência de ordem ritual e não racional que é, num certo grau, chocante, desconfortável, auto-destruidora, mas voluntariamente assumida pelos adultos conscientes do facto de assumirem o peso de acreditar e manter uma sociedade ordenada” (Coman 2003:41, citando Jack Katz 1987)

Anotem-se as recorrências: o ritual é rotina - emprego banal - e a leitura rotineira de notícias sobre crime “oferece uma experiência com valor ritual e não racional”. O “valor ritual” das notícias sobre o crime traduzir-se-ia no consumo dessas notícias por “adultos conscientes que assumem o fardo de crer e suportar uma sociedade ordenada”. Para além de ser um exemplo do emprego pouco reflexivo do termo ritual, estas considerações sobre a leitura de notícias do crime revelam uma concepção desactualizada da vida social (tendo em atenção a época em que foram escritos, no final dos anos 80). É caso para dizer: a solidariedade

⁴ Afiguram-se mais úteis para a etnografia dos media as teses sobre a domesticação da tecnologia e dos media enquanto processo de apropriação, objectificação, incorporação e conversão dentro da economia moral da casa (Silverstone, Morley e Hirsch 1992; Bercker, T. et al 2006), do que as tiradas metafóricas sobre a televisão de alguns dos seus proponentes, à custa do conceito de ritual.

mecânica de Durkheim estava, em contra-ciclo às principais correntes da teoria social da época (J. Katz escreve em final dos anos 80), mais viva do que nunca.

Um uso mais sofisticado: televisão, temporalidade e segurança ontológica

“A segurança ontológica sustém-se graças ao familiar e ao predizível. As nossas atitudes e crenças do senso comum expressam e apoiam a nossa compreensão prática do mundo, sem a qual a vida se tornaria intolerável. O senso comum, por sua vez, baseia-se no conhecimento prático e expressa-se e mantém-se através de toda uma série de símbolos e formações simbólicas (...). Defensivos ou ofensivos, esses símbolos constituem para nós, enquanto seres sociais, tentativas de dominar a natureza, de dominar os outros, de nos dominarmos a nós próprios. As suas raízes encontram-se na experiência que o indivíduo retira das contradições básicas da vida social: o problema da dependência-independência, da identidade-diferença que Winnicott analisa; como também estão na experiência colectiva da sociabilidade, nas exigências da co-presença ou da interação cara a cara (Goffman, 1969), na carga emocional do sagrado (Durkheim, 1971) e nos requisitos de uma estrutura que se expressa em todas as nossas formas culturais, cujos protótipos são o mito (Levi-Strauss, 1968) e o rito (Turner, 1969) ” (Silverstone 1994:43)

A noção de ritual surge com um tratamento mais sofisticado na perspectiva desenvolvida por Morley e Silverstone, ao analisar o consumo da televisão e que os próprios designaram por “duplo enfoque”. O “duplo enfoque” consiste em atender simultaneamente à “dimensão vertical” – o poder e a ideologia – e à “dimensão horizontal” – a inserção da televisão em contextos de práticas quotidianas. Assim, por exemplo, poderíamos entender *simultaneamente* o visionamento do telejornal como um ritual cuja função é estruturar a vida do lar e providenciar um modo simbólico de participação na comunidade (cf. Morley 1996: 403). Formulações como esta permitem-nos pensar no emprego do termo ritual no estudo das formas de consumo dos media que é, de resto, uma das áreas de estudo onde media e ritual se cruzam. Nas sociedades contemporâneas, a televisão transmite segurança, constituindo uma espécie de paliativo (Norsdestrand vê nisso um potencial de alienação, e Elliott vê na ritualização a irrupção do irracional na comunicação, como já vimos). Vejamos como a ideia é desenvolvida por David Morley que na passagem seguinte se refere à “dimensão horizontal”, ou seja, ao consumo dos media (1996:45):

“Em grandes traços, os tempos e espaços quotidianos poderiam considerar-se profanos. Podemos distingui-los (...) daqueles acontecimentos predizíveis ou manejáveis (como os aniversários, os casamentos, os nascimentos e as mortes) que constituem o foco de ritos domésticos mais ou menos agradáveis e também podemos distingui-los daqueles acontecimentos que são, ou bem

predizíveis e manejáveis, ou dramaticamente inquietantes e atemorizantes, para cuja ritualização dependemos da televisão. O desvio para este mundo de “como se” (Vaihinger, 1924) que a televisão oferece tanto na sua programação realista como na ficção faz parte e não faz parte do quotidiano (ver Turner 1969, sobre este aspecto de “entre um e outro” da liminaridade como caracterização do rito)“.

Neste sentido, o consumo de televisão – pelo menos de certos géneros televisivos – poderia ser encarado como um rito de passagem que nos afastaria do mundano. O surgimento da ideia de liminaridade é aquilo que aqui gostaria de destacar. De facto, a ideia de liminaridade, originalmente proposta por Arnold Van Gennep, é das noções cujo campo da teoria do ritual mais tem sido explorada e mais frutos tem dado em áreas diversas. Durkheim e Freud, como sabemos, concentraram-se sobretudo na questão da função do ritual: assegurar a coesão social, celebrar a colectividade, foi a resposta do francês; servir de consolo e conforto pessoal, respondeu o austríaco. Van Gennep, ao concentrar-se nos “ritos de passagem”, introduziu um conceito novo na análise do ritual: a ideia de liminaridade. Muito para além das tipologias e terminologias clássicas, que cedo esbarraram com problemas de operacionalização teórica no quadro do processualismo manchesteriano (cf. Pina Cabral 2000), foi a questão da liminaridade, identificada por Van Gennep, que mais frutos deu até hoje em campos tão diversos como os estudos antropológicos sobre o jogo, a literatura, a performance, a criatividade, as celebrações, as peregrinações, as culturas urbanas (Overing e Rapport 2000) e os estudos de media. A liminaridade é central na obra de Vitor Turner que, até certo ponto, lançou as bases para um entendimento pós-funcionalista do ritual. Repare-se como Ronald Grimes se refere ao seu contributo:

“Turner não negou que o ritual poderia engendrar solidariedade ou que poderia trazer consolo, mas insistiu que estes aspectos eram apenas uma parte do trabalho efectivo do rito. O outro poder do ritual residia na dissolução temporária das hierarquias sociais, na reconstrução da identidade pessoal e no engendrar da criatividade cultural. *Communitas* e liminaridade constituíram as grandes forjas, os elementos sociais de formação utilizados pelo ritual na execução das suas energias transformadoras” (Grimes 2002:229)

Esta perspectiva de Turner sobre o carácter transformativo e criador do ritual constitui um importante legado reflexivo que tem vindo a ser utilizado nos estudos sobre os processos de comunicação de massa nas sociedades contemporâneas. Na linha turneriana, Silvertone argumenta que a televisão mobiliza o sagrado e cria, entre os telespectadores, aquilo a que os antropólogos chamaram *communitas*: a experiência partilhada de comunidade, ainda que frágil, momentânea e sintética, (Silvertone 1994: 46).

Não há dúvida de que, com Morley e Silvertone, a fusão entre media e ritual alcança um patamar de sofisticação teórica e erudição, combinando psicanálise, interaccionismo simbólico, sociologia clássica e

antropologia. No entanto, a obra mais conhecida e influente da corrente ritualista é *Media Events*, publicada no início da década de 90.

Os *media events* e a televisão cerimonial

“Para além da construção do enquadramento semântico do acontecimento televisivo, a televisão constrói uma moldura dentro da moldura. Organiza as circunstâncias do acto de contemplar o acontecimento, rodeando-o de outros programas – antes e depois – que fazem o acontecimento surgir como a única realidade importante. A televisão submete assim os seus espectadores a um complexo rito de passagem, subvertendo a definição normal do que é ‘importante’, ‘real’ ou ‘sério’”.

(Katz e Dayan [1994] 1999: 104)

“(…) Dayan e Katz têm um grande mérito pela atitude sempre crítica e matizada que lança uma ‘ponte entre as questões do simbólico e da comunicação’, recorrendo a contributos científicos muito diversos, nos campos da sociologia, da antropologia social, da semiologia (sobretudo Dayan) ou das ciências da comunicação. Para lá das mitologias do ‘quarto poder’, as suas análises mostram como os poderes mediáticos se cruzam com as formas de legitimação do político e do religioso nas sociedades contemporâneas” (Mesquita 2000)

Elhiu Katz e Daniel Dayan inspiram-se na acumulação de reflexão teórica sobre o ritual, que vai dos escritos de Durkheim às contribuições de Vitor Turner, desenvolvendo uma antropologia do que designam por “cerimoniais televisivos”. Os autores afirmam que o seu propósito é, em termos conceptuais, “uma tentativa de trazer a antropologia dos cerimoniais (Durkheim, 1915; Handelman, 1990; Levi-Strauss, 1963; Turner, 1985) para o processo da comunicação de massas” (Katz e Dayan [1994] 1999:17).

Mario Mesquita (2000) produziu, na minha opinião, uma das mais interessantes e arrumadas sínteses críticas do legado desta obra. Mesquita reconhece que o argumento de Katz e Dayan tem valor pela identificação de um género televisivo e de um fenómeno social que contribui para a construção de amplos consensos que ajudam a legitimar as formas de poder político e religioso nas sociedades contemporâneas: certas emissões televisivas, como os grandes acontecimentos desportivos, as viagens do Papa, os casamentos reais ou as coroações, constituiriam, tal como referem outros comentadores já mencionados, “collective rites of communion” (Liebes & Curran 1998:4). Mesquita organiza em cinco itens as principais críticas à tese de *Media Events*: a obra recebeu críticas de ordem lexical, sintáctica, semântica, pragmática e ideológica. O termo “media events” não é, para alguns autores, suficientemente específico para designar as emissões televisivas em questão e em França, por altura da tradução da obra, foi sugerido o termo “télécerimonie” como sendo mais apropriado. Daniel Dayan, acabou por introduzir, nesta linha, o termo

“événements cérémoniels” (que Mesquita acha preferível a “evènements médiatiques” ou télécerimonie). Repare-se que em Portugal se optou pela expressão “acontecimentos mediáticos”, sendo que o livro recupera como título principal o subtítulo original “A História em Directo” (“The Live Broadcasting of History”).)

Um segundo tipo de críticas discute a (in)capacidade estrutural da televisão em “recriar o fenómeno ritual”. Aqui, andamos próximos de uma crítica que segrega os termos, ou que usa a retórica de segregação dos termos. A opinião de Serge Daney, que Mesquita parafraseia, é um exemplo do resultado da estratégia de segregação dos termos ritual e media:

“(…) a televisão, cada vez mais global e permanente, destrói qualquer espécie de efeito simbólico. A aura da cerimónia – fazendo uso do conceito de Benjamin relativo à obra de arte – estaria perdida na medida em que se dispersaria num fluxo contínuo de imagens. A televisão seria portanto capaz de degradar a dimensão simbólica do cerimonial reduzindo-o a um divertimento tão banal quanto os concursos televisivos ou as variedades que o espectador pode escolher através do telecomando” (Mesquita 2000:2)

A televisão surge, neste caso, como contrário do ritual senão mesmo a causa da degradação e banalização da dimensão simbólica do ritual nas sociedades contemporâneas. Ora, para Dayan e para muitos outros teóricos que temos vindo a referir, é a não separação do simbólico e do comunicativo que, justamente, torna certas emissões televisivas cerimónias massivas de consumo televisivo equivalentes a rituais. O argumento de Dayan e Katz enfatiza o facto de o género de emissões que analisam constituírem uma forma de ruptura com a programação quotidiana (com os principais canais a transmitirem as mesmas imagens/acontecimentos por períodos longos de tempo) reforçando assim o significado histórico extraordinário do evento e, instaurando uma “rupture temporelle propre du phénomène rituelle” (idem: 2). Repare-se como, na teoria dos “media events”, a televisão assume uma função ritual quando o fluxo de programação regular (o carácter rotineiro e repetitivo da programação que para alguns parece ser suficiente para falar de ritual) é interrompido; é a ruptura dessa temporalidade hiper-estruturada da programação televisiva que, para Dayan e Katz, torna essas emissões televisivas um momento especial, uma vez que instauram a ruptura com o quotidiano, característica do ritual.

A teoria dos acontecimentos mediáticos conheceu outros desenvolvimentos dentro dos media studies, de modo particular nos estudos que abrem a discussão sobre a tese central da obra *Media Events*: a ideia de que estas emissões contribuem para o reforço de consensos sobre questões fundamentais para a sociedade, quer nos terreno político, social ou religioso. No volume já anteriormente mencionado, *Media, Ritual and Identity* (Liebes e Curran eds. 1998), várias das contribuições prolongam e redefinem a teoria dos acontecimentos mediáticos. As emissões televisivas, que supostamente unem a sociedade em torno de

valores comuns supostamente partilhados por todos, representam também a imposição de leituras e de modos de interpretação dominantes (Alexander e Jacobs 1998). James Carey (1998), por seu turno, analisa um tipo de emissão que, em rigor, deixa de poder ser considerado como acontecimento mediático: os rituais de excomunhão. Carey, e também Tamar Liebes - que analisa a cobertura televisiva dos atentados no conflito israelo-palestiniano sintetizada no termo "disaster marathons" - põem em causa a tese de que os acontecimentos mediáticos celebram e reforçam consensos; pelo contrário, o tipo de emissões que estes autores analisam parecem dividir - mais do que unir os telespectadores e, nos casos mais dramáticos, instalar na opinião pública uma mentalidade de vingança e linchamento.

Outro aspecto que tm sido salientado e criticado na teoria dos media events diz respeito ao modelo de recepção que o suporta, que é, tal como a teoria do consenso, profundamente funcionalista. O modelo pressupõe um espectador que adere de forma a-crítica ao significado da cerimónia transmitida, a qual por sua vez é resultado de uma negociação, ou contrato, entre a entidade que organiza o evento e os media (a televisão ou cadeia de televisão) que o emite. Entre organizadores, media e público não há, no entanto, uma verdadeira paridade, e a negociação entre estes três pólos é marcada, como é evidente, por relações de poder. Ora, o espectador cerimonial - uma espécie de ideal-tipo - ao qual as cerimónias se dirigem parece estar a mudar graças às enormes mudanças na paisagem mediática contemporânea. Sobre este aspecto, Mesquita interroga, de forma certa, o seguinte:

"Podemos perguntar-nos se, numa paisagem televisiva global e cada vez mais fragmentada pelo satélite e pelo cabo, a figura do cidadão cerimonial e o modelo do 'comité de recepção' são ainda pertinentes, ou se, pelo contrário, o 'ideal-tipo' do espectador de televisão não é mais um consumidor de 'entretenimento' - telenovelas, info-entretenimento, variedades, etc. - do que um potencial aderente aos acontecimentos mediáticos herdeiros da tradição (aqui pode fazer sentido a distinção entre as celebrações, mais afastadas das notícias, e as conquistas e as competições, mais próximas da actualidade informativa). Será o modelo dos 'comités de recepção' ainda válido e dominante fora do quadro da televisão generalista quando se tem acesso a uma multiplicidade de 'canais' especializados, o telecomando convida ao zapping e a existência de vários aparelhos nas casa permite uma escolha individualizada dos programas? (Mesquita 2000:4)

Em síntese, e do ponto de vista de uma etnografia do consumo dos media e da recepção, o modelo de espectador proposto por Katz e Dayan necessita ser cuidadosamente avaliado em função dos contextos sociais e culturais e dos momentos históricos. A pulverização da paisagem mediática (com o cabo, mastambém com as plataformas digitais) estar provavelmente a mudar substancialmente o papel da televisão cerimonial nos tempos que correm.

A intersecção entre ritual e media: os desafios da antropologia dos media

Nesta última secção irei dar conta de alguns contributos recentes da teoria do ritual aplicada aos media praticados no quadro da emergente antropologia dos media. No contexto da recente vaga de publicações nesta área, têm surgido propostas novas, algumas das quais em ruptura com a linha de estudos a que temos vindo a fazer referência. O contributo mais interessante e substancial é, no meu entender, o de Nick Couldry (2002; 2003; 2005). Assumindo-se como pós-durkheimiano e anti-funcionalista, Couldry parte do contributo de Vitor Turner, articulado com a perspectiva de Bourdieu, Maurice Bloch e Foucault sobre o poder e a legitimação. Um ponto central na sua argumentação é a ideia de que o ritual é uma forma de acção, mais do que um texto que expressa ideias culturais (sendo esta uma perspectiva mais próxima de Geertz). Couldry começa por examinar as várias acepções de ritual em uso nos media studies: 1) A noção de ritual como hábito ou rotina, noção que ele descarta por considerá-la pouco interessante e nada operacional; 2) a noção de ritual como uma acção formalizada (uma perspectiva mais interessante, tendo em vista muitos dos rituais civis, sem carácter religioso, que celebram, por exemplo, a nação); 3) a noção de ritual como uma acção formalizada com propósitos transcendentais que, para além da mera questão da forma ou direcionalidade da acção (presentes em 2), enfatiza os valores que a acção ritual envolve). Para Couldry, os "media rituals" são acções que reproduzem o que ele designa por "myth of the media as privileged access points to the centre of society" (mito dos media como pontos de acesso privilegiados ao centro da sociedade) (Couldry 2005: 64). Esta reprodução mítica do acesso ao centro de poder ocorre através de categorias tácitas (por exemplo a distinção entre pessoas mediáticas, ou celebridades, e pessoas não mediáticas, ou comuns) explicando, por exemplo, a razão por que, face a uma celebridade, as pessoas comuns, ou os fãs, agem de forma invulgar, ou de forma ritualizada. Couldry aplica o conceito de media rituals a três principais áreas de investigação: os acontecimentos mediáticos, a televisão realidade (reality television, por exemplo o Big Brother) e as peregrinações a "media sites" (como estúdios ou locais de filmagem de filmes e séries televisivas, tornados sítios importantes, nalguns casos monumentalizados).

O contributo de Couldry é muito relevante para o campo que tenho vindo a rastrear uma vez que articula de modo consistente os termos (ritual e media) permitindo a aplicação da noção de "media rituals" a contextos específicos (não confundir com "ritual media" de Lardelier 2005, que apenas reproduz a tese funcionalista). Em suma, Couldry trabalha uma noção com grandes potencialidades heurísticas na etnografia dos media (ver Postill 2006). Por exemplo, basta confrontar a interpretação do Big Brother como rito de passagem efectuada por Eduardo Cintra Torres (2002) com a de Nick Couldry (2002), para se perceber a diferença entre o *tour de force* de Torres para aplicar, a todo o custo, a teoria de Van Gennep

ao programa televisivo, e a cuidadosa análise de Couldry sobre a construção televisiva da realidade e os seus efeitos nas acções das pessoas (participantes e audiências).

Tendo em consideração as revisões e críticas a estes argumentos neo-durkheimianos e à banalização do conceito de ritual por parte de muitos teóricos dos media, interessa-me menos a ideia de que os media eventualmente substituem ou funcionam como ritual nas nossas sociedades, antes explorar como os media intersectam o campo do ritual e geram acções ritualizadas. Sobretudo interessa-me explorar como, a partir de tal intersecção, podem surgir novas formas de interacção social e de consumo dos media e de performance ritual. A sugestão de Ronald Grimes, tal como a interpreto, mostra que ganhamos em observar cada um dos termos – media, ritual – como categorias com relativa autonomia e mantendo entre si relações de tensão e articulação. Parto, portanto, do princípio que cada um dos termos deve ser capaz de designar uma classe específica de fenómenos; enquanto etnógrafo estou, por isso, interessado em perceber o que resulta da sua intersecção em contextos particulares.

O contexto específico onde estas questões se me colocaram foi o de um programa radiofónico. O programa tem um formato interactivo e é emitido por uma rádio local sediada em Bragança; existe desde 1990 e é ouvido e consumido por uma audiência consideravelmente vasta, maioritariamente composta por população rural espalhada pelas aldeias e vilas do nordeste do país. O estudo deste “talk show” (realizado entre 1999 e 2003) analisa o que sucede quando certas práticas religiosas (como a oração matinal ou a romaria a santuários) se tornam objecto de mediação (no sentido que Martín-Barbero e outros dão ao termo) e de mediatização, dando origem a novas formas de consumo da rádio e de santuários, assim como a um processo de espectacularização/mediatização da prática religiosa, fidelizando a audiência e criando, à sua escala, celebridades. A ideia de que os media (mesmo aqueles locais/regionais) apresentam altas concentrações de poder simbólico que é produzido e reproduzido através da sua acção (ou seja, a tese de Couldry desenhada a partir de um entendimento pós-durkeimiano da vida social, onde as questões do poder e da legitimação são cruciais) é de grande valor para a investigação etnográfica dos media, quer nos centremos apenas na produção, no consumo e recepção, ou em ambos os pólos.

BIBLIOGRAFIA

AA.V.V. 1994 “Rito” in *Enciclopédia Einaudi – Religião-Rito, vol. 30*, dir. de Ruggiero Romano, Lisboa, Imprensa Nacional, pp.325-359 (trad. de Maria Bragança).

Alexander, Jeffrey C. & Jacobs, Ronald N. 1998 “Mass communication, ritual and civil society” in *Media Ritual and Identity*, Tamar Liebes & James Curran (eds), London and New York: Routledge, pp. 23-41.

Anderson, Benedict [1983] 1991 *Imagined Communities. Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*, Londres Nova York: Verso (utilizada a versão em Castelhana: *Comunidades Imaginadas. Reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo*, Fondo de Cultura Económico, México, 1993).

Berker, T. et al. (eds.) 2006 *Domestication of Media and Technology*, New York: Open University Press.

Carey, James W. 1998 "Political Ritual on television. Episodes in the history of shame, degradation and excommunication" in *Media Ritual and Identity*, Tamar Liebes & James Curran (eds.), London & New York: Routledge, pp. 42-69.

Coman, Mihai 2003 *Pour une Anthropologie des Médias*, Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble.

Cottle, Simon 2006 "Mediatezed Rituals: Beyond Manufacturing Consent" *Media, Culture & Society* 28 (3), p. 411-432.

Couldry, Nick 2002 "Playing for Celebrity. Big Brother as Ritual Event" in: *Television & New Media*, vol.3(3)August, Sage Publications, 283-293

Couldry, Nick 2003 *Media Rituals. A critical approach*, Routledge: London and New York.

Couldry, Nick 2005 "Media Rituals: Beyond Functionalism" in Rothenbuhler, Eric W. & Coman, Mihai (eds.) 2005 *Media Anthropology*, Thousand Oaks, London & New Delhi: Sage Publications, p.59-69.

Couldry, Nick; Rothenbuhler, Eric W. 2007 "Review essay. Simon Cottle on 'mediatezed rituals': a reponse" *Media Culture & Society* 29(4), p. 691-695.

Durkheim, Emile 1912/1989 *Les Formes élémentaires de la vie religieuse*, Presse Universitaire Française.

Finnegan, Ruth 2002 *Communicating – The Multiple Modes of Human Interconnection*, London & New York: Routledge.

Grimes, Ronald 2002 "Ritual and the Media" in Hoover, S. M. e Clark, L.S. (eds) *Practicing Religion in the Age of Media. Explorations in Media, Religion, and Culture*, New York: Columbia University Press

Lardelier, Pascal 2005 "Ritual Media: Historical Perspectives and Social Functions" in Rothenbuhler, Eric W. & Coman, Mihai (eds.) 2005 *Media Anthropology*, Thousand Oaks, London & New Delhi: Sage Publications, p. 70-78.

Katz, Elihu e Dayan, Daniel [1994] 1999 *A História em Directo. Os acontecimentos mediáticos na televisão*, Coimbra: Minerva.

Leach, Edmund [1976] 1992 *Cultura e Comunicação. A lógica da conexão dos Símbolos. Introdução ao uso da análise estruturalista em antropologia social* Lisboa: Edições 70.

Liebes, Tamar 1998 "Television disaster marathons: a danger for democratic process?" in *Media Ritual and Identity*, London & New York: Routledge, pp. 71-84.

Liebes, Tamar & Curran, James 1998 "The intellectual legacy of Elihu Katz" in *Media Ritual and Identity*, Tamar Liebes & James Curran (eds), London & New York: Routledge, pp. 3-20.

Mauss, Marcel 1986 *Ensaio sobre a Dádiva*, Lisboa: Ed. 70.

Mesquita, M. 2000 "La «construction» télévisuelle d'«événements heureux»" in *Dossier des Audiovisuel* ("La Télévision de l'événement"), nº 91, La Documentation Française/INA, pp.58-61.

Morley, David 1996 *Televisión audiencias y estudios culturales*, Buenos Aires: Amorrortu Editores.

Overing, Joanna e Rapport, Nigel 2000 2000 "Liminality" in *Social and Cultural Anthropology. Key Concepts*, London & New York: Routledge. *Social and Cultural Anthropology. The Key Concepts*, Londres: Routledge, pp.60-65.

Pina Cabral, João de 2000 "A difusão do liminar: margens, hegemonias e contradições" in *Análise Social*, vol.XXXIV (153), pp. 865-892.

Postill, John. 2006. *Media and Nation Building. How the Iban Became Malasian*. Berghahn Books.

Reis, Filipe 2006 *Comunidades Radiofónicas. Um estudo etnográfico sobre a radiodifusão local em Portugal*, Dissertação de Doutoramento, ISCTE, policopiado.

Rothenbuhler, Eric W.1998 *Ritual Communication. From everyday Conversation to Mediated Ceremony*, Sage Publications.

Silverstone, Roger [1994] 1996 *Televisión y vida cotidiana*, Buenos Aires: Amorrortu Editores.

Silverstone e Hirsh (eds) 1992 *Consuming Technologies. Technology and Information in Domestic Spaces*, London & New York: Routledge.

Thompson, John B. [1997] 1998 *Los media y la modernidad. Una teoría de los medios de comunicación*, Barcelona e Buenos Aires: Paidós (trad. Jordí Colobran Delgado, tit. orig. *The media and the modernity. A social theory of the media*).

Torres, Eduardo Cintra 2002 *Ritos de Passagem na Sociedade do Espectáculo*, Lisboa: Minerva.

Turner, V. 1969 *The Ritual Process: Structure and Anti-Structure*, Aldine: Chicago.

Van Gennep, A. 1909 *Les Rites de Passage*, Paris: Nourry.

Winkin, Yves 1996 *A Nova Comunicação. Da teoria ao trabalho de campo* S. Paulo: Papyrus Editora.